

CARLOS GOMES

Rodrigo Otávio

Carlos Gomes foi muito de minha casa. Anos antes de meu nascimento foi ele, em Campinas, professor de música de minha mãe e meu avô materno, o Dr. Theodoro Langgaard, clínico nessa cidade, teve decisiva ação no desenvolvimento de sua carreira artística.

Era então conhecido por Nho Tônico e ainda, em 1880, ofereceu à minha mãe, assinando-se com esse nome, as partituras de suas óperas até então impressas: **Guarani**, **Fosca Salvator Rosa** e **Maria Tudor**. E tenho nítida memória de que, entregando à minha mãe os quatro volumes, disse-
ra qualquer coisa que significava que o **Guarani** era obra do exuberante caipira de Campinas, estudante de música, e que **Fosca** era a obra do maestro. Era essa a obra a que confiava seu nome...

Era ele de uma família de músicos. Seu pai, Manuel José Gomes, organizara a primeira banda de Campinas de que era regente, sendo conhecido por **Maneco Músico**. Seu irmão José Pedro de Sant'Ana Gomes era rabequista exímio e compositor. Tenho, entre meus papéis, o original da partitura por ele composta para a parte em verso de uma comédia, **Maria** ou **A Bela Paulista**, escrita por meu avô. Uma de suas irmãs, **Nhá Quina**, foi a professora de minha mãe, quando Carlos Gomes deixou Campinas.

(...) Meu avô era apaixonado pela música e, se bem não tocasse instrumento algum, era dela conhecedor; compreendeu o gênio musical do caipira campineiro e o incitava para que fosse para o Rio de Janeiro. O pai de Nho Tônico opunha-se a isso, porém, obstinadamente, dizendo que o filho era bom para Campinas, mas não serviria para cidade maior. Meu avô, entretanto insistia; e quando, depois de uma primeira viagem a São Paulo, onde o **maestrino** havia alcançado grande sucesso e compusera, sobre letra de Bittencourt Sampaio, o magnífico hino acadêmico, que desde logo se tornou famoso, meu avô percebendo que Carlos Gomes apresentava certa vacilação em persistir no respeito à vontade paterna, procurou convencê-lo de que devia partir mesmo e deu-lhe dinheiro para a viagem. Carlos Gomes voltou para São Paulo e de lá, certa manhã, partiu para o Rio. Isto foi em 1859. Tinha ele, então 23 anos de idade.

Na capital do Império, com a proteção de pessoas para quem trouxera cartas de Campinas e de São Paulo, conseguiu matricular-se no Conservatório de Música, onde estudou contraponto e harmonia. Pouco

depois, era encarregado, pelo próprio diretor do Conservatório, que era Francisco Manuel, de escrever músicas para atos e solenidades públicas que todas alcançaram êxito e lhe grangearam fama.

(...) Seu nome já andava cercado de real prestígio. Foi regente da orquestra da Ópera Nacional e aí fez cantar duas óperas, que alcançaram assinalado êxito, **A Noite do Castelo** e **Joana de Flandres**. Os jornais do Rio registraram sem reticências o grande sucesso que alcançou Carlos Gomes, acentuando que eram produto exclusivo de seu gênio, porque diminutos eram, ainda então, seus estudos da difícil arte do contraponto. O Imperador assistiu a ambas as representações e a ambas aplaudiu, com entusiasmo, de pé, em seu camarote. Por ocasião da primeira, condecorou Carlos Gomes com o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa; com o sucesso da segunda, promoveu-o a Oficial da mesma Ordem.

Com a representação de **Joana de Flandres** se confirmaram as aptidões do jovem campineiro; e o Imperador resolveu que fosse ele completar seus estudos na Europa, mandando conceder-lhe, por um período de quatro anos, a pensão mensal de 180\$000. Informa Itala Gomes em seu precioso livro que desejava o monarca que os estudos do nosso patricio fossem feitos na Alemanha, havendo ele ido para a Itália por interferência decisiva da Imperatriz, filha de Nápoles e apaixonada pelo **bel canto**.

Teve Carlos Gomes notícia desse inesperado auxílio por carta de Francisco Manuel, diretor do Conservatório, datada de 30 de outubro de 1863. Providencial, bem certo, foi esse bafejo da sorte. Carlos Gomes seguiu para a Itália e seis anos mais tarde, realizava-se no **Scala**, de Milão, a mais alta platéia lírica daquele tempo, a representação do **Guarani**, com o estrondoso sucesso que levou seu nome à consagração mundial. Depois da representação do **Guarani** veio Carlos Gomes, em 1870, ao Brasil e foi recebido como um triunfador. Os jornais da época registram o entusiasmo das manifestações extraordinárias que lhe foram tributadas.

Eu só conheci Carlos Gomes dez anos mais tarde, quando, em 1880, ele voltou à sua terra. Do entusiasmo com que foi recebido, das grandes festividades preparadas, principalmente pela mocidade das escolas superiores, foram os ecos registrados pela imprensa do tempo. (...) Já então minha família havia transferido residência de Campinas para o Rio de Janeiro, e o meu glorioso conterrâneo era assíduo visitante de nossa casa. Eu, na precoce exaltação de meu espírito, tinha por ele fêrvido entusiasmo, e foi de grande emoção o momento em que pela primeira vez o vi, agitando a cabeleira leonina, já grisalha, nos seus movimentos de expansivo afeto para conosco.

Residiu então num hotel, à rua Marquês de Abrantes, no fundo de uma grande chácara, na fralda do morro. Meu a vô ia vê-lo freqüentemente e eu muitas vezes o acompanhava. Havia à entrada da chácara, para

transporte das pessoas que procuravam a casa, um pequeno bonde, que era levado, sem cocheiro, por um burro adestrado, ao longo da aléia de **flamboyants** que já não existem. E eu, enquanto meu avô conversava com Carlos Gomes, ficava embevecido, a olhar para aquele homem, sempre expansivo e entusiasta, cujo nome o mundo conhecia e aplaudia, e, aqui, toda a gente, para bem o ver, parava na rua, ao avistar-lhe, de longe, a farta cabeleira coberta por um chapéu coco. Ele ia quase diariamente à nossa casa e, ao chegar, sentava-se ao piano e tocava, cantarolando, árias suas. Por esse modo original, anunciava-se aos moradores, que acorriam a recebê-lo.

(...) Carlos Gomes não teve uma vida tranqüila. O auxílio brasileiro que lhe era mistér para o pôr folgado, em condições de trabalhar para maior glória de sua terra, faltou-lhe quase sempre e, quando veio, veio sempre retardado e deficiente. (...) Revelada a grande capacidade do artista, consagrada sua obra inicial com os aplausos da mais prestigiosa platéia do mundo, os cuidados do Brasil para com esse privilegiado não deviam ter faltado, e faltaram. O Brasil esqueceu-se que do bem estar, da segurança da vida, da certeza do futuro dependiam a qualidade e o volume da produção do artista e, que essa produção viria, com glória para seu autor, enriquecer o acervo do patrimônio artístico nacional. E esses cuidados, que se não tivera para com o homem em vida, continuaram deficientes para com a glória de seu nome, depois de sua morte.

Não basta para essa glória o aparato dos monumentos que ornaram praças de São Paulo e Campinas, como de outras cidades do Brasil. O maestro, na modéstia de suas ambições e no amor de sua obra, desprezaria as estátuas e desejaria um pouco mais de atenção para sua música. É nela que seu nome se deve perpetuar.

Por certo, que a evolução do sentimento artístico traz a produção de Carlos Gomes muito distante do gosto moderno. Tal circunstância, porém, não justifica a indiferença com que essa obra é tratada. É preciso considerá-la na atmosfera de seu tempo, e é fora de dúvida que o ilustre filho de Campinas nos legou, num conjunto respeitável de inspiração e de arte, páginas magníficas que não devem ser deixadas no olvido.

(...) A cidade de Campinas, em que Carlos Gomes nasceu, erigiu-lhe uma estátua. O monumento foi inaugurado no dia 2 de julho de 1905, debaixo de uma chuva impertinente que se prolongou por todo o dia. Por especial convite da Comissão promotora, coube-me assistir a essas festas inaugurais e possuo diversas fotografias do ato nas quais se vê, em torno da estátua, ainda coberta das bandeiras que a envolviam, o singular espetáculo de um tumultuar de chapéus de chuva, de onde a água escorria.

A comissão para erecção da estátua foi constituída por conspícuos campineiros e dela foi presidente o Barão de Ataliba Nogueira. Sua

alma, porém, foi esse bravo César Bierrenbach, cuja atividade e cuja vontade enérgica foram postas em rude prova.

Rodolfo Bernardelli, a cuja arte vitoriosa fora confiada a execução do monumento, era grande amigo de Carlos Gomes, e, por dura experiência, sabedor das dificuldades com que se ia lutar para recolher os necessários fundos para fazê-lo, nas proporções da glória e do artista, ficou, com seu costumado desprendimento, em 50 contos o custo total, inclusive estaqueamento, cripta e pedestal. E foi um verdadeiro milagre que tudo pudesse ter sido feito com tão pequena soma.

Assim mesmo, nove anos foram precisos para, por meio de subscrição que se quis puramente popular, reunir essa importância. A Comissão não se dirigiu aos governos; e os dez contos com que, à última hora, espontaneamente contribuiu a Câmara Municipal foram empregados, não no monumento, mas no ajardinamento e cercado do recinto em que se ergueu a capelinha e foi o início da aldeia de Campinas, onde mais tarde teve sede seu antigo paço municipal.

Como já narrei, estive presente às festas da inauguração do monumento e, como campineiro, se me deu a honra de presidir à sessão solene que se seguiu imediatamente ao ato inaugural, e que, por causa da chuva, que não cessava de cair, não se realizou no próprio terreno, em face da estátua, mas na sede do Centro de Ciências, Letras e Artes. Não quis para mim só tão insigne distinção e convidei para acompanhar-me a Salvador e Lúcio de Mendonça, que igualmente haviam ido a Campinas para as festas da inauguração. Salvador havia sido, desde jovem, grande amigo de Carlos Gomes e escrevera o libreto para a segunda de suas óperas escritas e representadas no Brasil, **Joana de Flandres**. Também se achava em Campinas, onde foi alvo das mais carinhosas manifestações, o glorioso Rodolfo Bernardelli, autor do monumento.

O Presidente do Estado era o dr. Jorge Tibiriçá, que veio a Campinas para as festividades. Dentre as muitas delegações que ali compareceram não pode deixar de ser referida a que o Almirante Júlio de Noronha, então Ministro da Marinha, enviou em representação da guarnição do **Carlos Gomes**. Foi ela constituída pelo então 2º Tenente Inácio Azevedo Amaral, hoje uma das glórias do nosso ensino superior, pelo Guarda-Marinha Sebastião Luiz de Abreu Lobo, falecido mais tarde no posto de Capitão-de-Fragata, engenheiro naval, e por dois marinheiros nacionais.

Na tarde desse mesmo dia realizou-se a cerimônia da inauguração da placa de mármore na casa da Rua Regente Feijó, nº 50, onde nasceu Carlos Gomes, cabendo ainda a Salvador e Lúcio de Mendonça e a mim, a honra de descerrar a cortina.

(Excertos do capítulo sobre Carlos Gomes do livro **Minhas memórias dos outros**, 3ª série. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936).